

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA E HISTÓRICA

Responsável

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

Departamento de História da Pontifícia

Universidade Católica de Campinas

ANO XIV – Nº 105

ISSN 0101-4919

JAN./MAR./1982

BREVE RETROSPECTO DA VIDA CULTURAL BRASILEIRA EM 1981

Odilon Nogueira de Matos

Lido na última sessão de 1981, da Academia
Campinense de Letras.

Peço licença aos nobres e preclaros confrades para repetir as palavras com que, há um ano, desincumbi-me de tarefa semelhante, atendendo ao que dispõem os Estatutos de nossa Academia, em seu art. 14, letra c, isto é, que ao Secretário-Geral deverá caber, na última sessão pública do ano, “apresentar o retrospecto literário do ano que terminou”, ou, melhor dizendo, que está por terminar. Lembrava, na ocasião, que a expressão, tal como vem consignada em nossos Estatutos, se me afigurava um tanto imprecisa, e que, enquanto não fixássemos um consenso do que deverá ser este “retrospecto literário”, eu me permitiria atender à obrigação estatutária, tecendo algumas considerações e tentando um balanço do que de mais significativo havia ocorrido no ano em cujo derradeiro mês acabávamos de entrar.

O mesmo, Senhores Acadêmicos, farei hoje, lembrando que o ano de 81, tal como o de 80, se não foi fértil em efemérides literárias ou culturais em geral, dessas que propiciam às entidades acadêmicas ou aos

Institutos Históricas oportunidades evocativas e, conforme o caso, até edições especiais de suas publicações, ofereceu-nos, contudo, algumas ocasiões significativas, muitas das quais bem aproveitadas pelo nosso sodalício.

Para nós, da Academia, a efeméride que se revestiu de maior significado foi, certamente, seu próprio jubileu, que propiciou a edição de importante obra, de imenso valor documental, preparado pela preclara confreira Maria Conceição Arruda Toledo e que constitui o quadragésimo título da série de "Publicações da Academia". Neste volume, além de numerosas informações históricas e biográficas, figura a relação completa das publicações da Academia. Dou ênfase a este particular, pois venho ultimamente pesquisando em torno do que, à falta de título definitivo, estou chamando de "As Coleções de Temas Brasileiros". Isto me tem levado a entrar em contato com numerosas editoras e entidades oficiais e particulares, para o levantamento de suas publicações e posso assegurar-vos, sem medo de erro, que, tirante a Academia Brasileira e a Academia Paulista de Letras, nenhuma outra Academia de Letras do País apresenta, como a nossa, uma quantidade tão grande de publicações. E a própria Academia Brasileira, que realizou, neste particular, uma obra imensa iniciada ao tempo em que Afrânio Peixoto ocupou a presidência, há muitos anos parou com a sua preciosa coleção denominada justamente "Afrânio Peixoto". E quanto à Academia Paulista de Letras, convém lembrar que só depois de trinta anos de existência foi que se animou a publicar sua revista (já com quase cem números) e só há quatro ou cinco anos dispôs-se a publicar uma coleção de obras valiosas (quase todas reedições de textos raros) para a história literária de São Paulo. A Academia Campinense pode orgulhar-se, pois, de excelente figura no panorama cultural do País. Em sua coleção de publicações há uma variada gama de interesses: biografias, discursos acadêmicos, estudos literários, ensaios históricos, memórias, poesia, teatro, antologias etc. E — fato curioso, digno de nota e já registrado pela autora do volume 40 — todas as publicações da Academia foram financiadas pelos respectivos autores, pois a Academia, infelizmente, não dispõe de recursos necessários à edição de livros, coisa altamente dispendiosa, como seria desnecessário recordar.

Para a cidade de Campinas, três efemérides foram de alta significação: o sesquicentenário do Conde de Parnaíba, que, embora não nascido em Campinas, vinculou-se à nossa cidade, tendo sido um dos fundadores da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, além de ter sido presidente da Província de São Paulo e um dos incentivadores da imigração oficial em nossa terra; o centenário de Amilar Alves, pioneiro do cinema, tendo sido a ocorrência celebrada condignamente pelo Centro de Ciências, Letras e Artes; e o octogésimo aniversário do próprio Centro de Ciências, Letras e Artes, fato que me é grato evocar, pois tive a honra de ser convidado para falar na sessão com que a entidade comemorou a data. Pelo prestígio da instituição, pelo que ela representa na vida cultural do

País, a ocorrência — disse eu na ocasião — não devia interessar apenas a Campinas, mas igualmente a São Paulo e ao próprio Brasil. Na conferência que, então, proferi, ressaltai três aspectos significativos da história do Centro: as condições que, no começo do século, justificaram a criação da sociedade; a excelente receptividade que ela alcançou em todo o País, a ponto de interessar a intelectuais de quase todas as unidades da Federação, que atenderam ao apelo do Centro, inscrevendo-se na categoria de “sócios correspondentes”; e, finalmente, o alcance da revista criada pela entidade logo no ano seguinte ao de sua fundação.

Cada um desses três itens é parte integrante da história campineira. Os convites para a sessão comemorativa do octogésimo aniversário timbravam em lembrar que a entidade havia sido fundada por César Bierrenbach, Coelho Neto (que vivia então em Campinas) e José de Campos Novaes, por alguns cientistas do Instituto Agrônômico e por professores do nosso tradicional Ginásio do Estado. Tanto uma como outra dessas duas instituições reunia valores realmente excepcionais nos quadros da cultura brasileira, os quais, aliados aos primeiros mencionados, tornaram possível a existência de uma entidade que logo se impôs pela seriedade de seus propósitos. E a revista repercutiu favoravelmente em todo o País, sendo talvez a primeira, ou pelo menos uma das primeiras publicações científicas surgidas em cidade de interior. A atração que, no Brasil, sempre exerceram as capitais, não deixava muitas possibilidades para as cidades do interior. Há, contudo, exceções, e Campinas é uma delas.

A propósito da revista do Centro de Ciências, Letras e Artes, gostaria de lembrar que ela foi tema de uma comunicação apresentada no ano passado a uma importante reunião de estudos históricos realizada na cidade paulista de Franca. Mas esta comunicação, dada a natureza da reunião francana, abordou apenas o interesse da revista como fonte para estudos históricos. Faz-se necessário que trabalho mais amplo, abordando os demais aspectos culturais, seja levado a efeito. É inegável, assim, que a crônica do Centro de Ciências, Letras e Artes constitui um dos grandes créditos da história de nossa cidade.

Algumas efemérides relevantes no corrente ano: os centenários de nascimento de Gustavo Teixeira, o suave poeta de São Pedro e o de Lima Barreto, o cronista e romancista urbano por excelência do Rio de Janeiro; e o sesquicentenário de Álvares de Azevedo. As três ocorrências foram evocadas em nossa Academia, por Conceição Arruda Toledo, Luiz Horta Lisboa e Mário Pires, respectivamente. Dois outros, passaram-nos despercebidos: o centenário de João do Rio (Paulo Barreto) e o sesquicentenário de Manuel Antônio de Almeida, autor de um só livro — as “Memórias de um sargento de milícias” — mas com o qual se vinculou definitivamente à história literária do País. E ainda o centenário de Américo de Moura, filólogo e historiador, muito ligado a Campinas, onde foi

professor e onde uma rua recorda o seu nome. Seria oportuno lembrar também o bicentenário de Gonçalves Ledo, um dos paladinos da Independência.

Fora das figuras literárias, lembraria duas outras efemérides bastante significativas: o sesquicentenário da abdicação de D. Pedro I, e, quase como conseqüência dela, o sesquicentenário do Hino Nacional Brasileiro. Sobre ambas tive oportunidade de me manifestar: a abdicação, em pequeno artigo publicado originalmente no "Correio Popular" e depois transcrito em "Notícia Bibliográfica e Histórica"; e o Hino Nacional, em conferência que tive oportunidade de ler inúmeras vezes: nesta Academia, na Academia Paulista de Educação, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no Instituto Cultural Santo Tomás de Aquino, de Juiz de Fora, no Instituto Genealógico Brasileiro (de São Paulo) e, por último, no Centro de Ciências, Letras e Artes. Nas freqüentes solicitações em torno desta conferência — e ainda outras que não pude aceitar — não vejam os preclaros confrades méritos do conferencista, mas, sim, interesse do tema abordado.

Passou praticamente despercebida significativa efeméride para a Igreja: o centenário do grande Papa João XXIII, transcorrido a 25 de novembro. Uma só referência vi na imprensa a esta importante ocorrência: um artigo de Almir de Oliveira no "Diário Mercantil", de Juiz de Fora, dias depois da efeméride. Muito maior projeção, por outro lado, teve o centenário do nascimento de uma das maiores figuras da literatura universal: Stefan Zweig, transcorrido a 28 de novembro. Dois grandes suplementos literários — o do "Estado de S. Paulo" e o do "Correio do Povo", de Porto Alegre — dele se ocuparam, além do extenso livro que lhe foi consagrado pelo Sr. Alberto Dines e de eventuais referências da imprensa em geral.

Estava concluindo os estudos ginasiais quando começaram a aparecer as primeiras traduções em nossa língua de livros de Stefan Zweig, publicados por uma editora do Rio de Janeiro. Despertaram-me enorme interesse, tanto as novelas quanto as biografias, que fugiam ao que conhecíamos comumente neste gênero literário. Maria Antonieta, Maria Stuart, Joseph Fouché, Balzac, Tolstoi, Dickens, Dostoiewsky, Erasmo de Rotterdam, entre outros, eram-nos revelados, não nas simples crônicas fatuais de suas existências, mas na verdadeira análise de seus caracteres e de suas personalidades. Talvez tenha lido tudo quanto se publicou em português do grande escritor, por quem me tomei de verdadeiro entusiasmo, a ponto de me abalar de São Paulo ao Rio de Janeiro só para ouvir uma sua conferência, quando, de passagem para um congresso de escritores em Buenos Aires, portou por alguns dias em nossa então Capital Federal, tendo vindo também a São Paulo e a Campinas. Essa conferência — "A unidade espiritual do mundo" — ainda a possuo inteiramente datilografada e du-

rante muito tempo, pela mensagem maravilhosa que continha, foi das minhas leituras constantes, chegando a saber de cor muitos de seus trechos.

Por intermédio de parente que residia então em Petrópolis, tive oportunidade de me aproximar uma vez (que pena que foi uma só...) do grande escritor e com ele conversar. E Stefan Zweig crescendo cada vez mais na minha admiração, talvez melhor no meu fascínio. Encontrava-me em Petrópolis, quando a 22 de fevereiro de 1942 a tragédia abateu sobre a casa da Rua Gonçalves Dias, com o suicídio do escritor e esposa. Testemunhei a mágoa com que a Cidade Imperial recebeu a tragédia e o que foi seu sepultamento com honras especiais tributadas pelo Dr. Cardoso de Miranda, então prefeito da cidade. A morte do grande homem foi, para mim, como que uma motivação para reler sua obra e conhecer a parte que ainda não havia lido. E cada vez mais me convencia da contradição entre a mensagem dos seus livros e o trágico fim por ele mesmo escolhido de sua existência. Com o tempo, Stefan Zweig foi “passando de moda”, a ponto de seus livros desaparecerem das livrarias. As novas gerações praticamente não o conhecem. Folguei, pois, ao ver anunciado há pouco nos jornais que toda sua obra vai ser reeditada, ao ensejo do seu centenário. Escolhendo o Brasil para residência quando a tragédia da guerra lhe tirou o lar, na Áustria, tributou ao nosso País irrestrito sentido de gratidão, escrevendo uma de suas melhores obras, o “Brasil, País do futuro”. O futuro que o próprio Zweig não se sentiu com forças para esperar...

Dado o meu interesse particular pela história da música, tive oportunidade de tratar, nos meus rabiscos semanais do “Correio Popular”, de algumas efemérides significativas para o mundo musical: o terceiro centenário de Telemann e de Matheson; o bicentenário de Diabelli; o centenário da morte de Mussorgsky; e os centenários de nascimento de Bela Bartok, o grande mestre do nacionalismo húngaro e de George Enesco, a maior figura da música romena.

A história paulista, tal como no ano passado, esteve presente nas cogitações culturais de nossa terra através de cursos públicos promovidos pela Academia Paulista de História, pela Secretaria de Cultura do Estado e pelo Instituto Genealógico Brasileiro. Significativa a grande exposição de documentos históricos levada a efeito pelo Museu de Arte de São Paulo e pelo Arquivo do Estado, para a qual foi elaborado o belíssimo volume “São Paulo, onde está sua História”.

Dos muitos congressos que marcaram o calendário cultural do ano, lembraria a reunião anual da SBPC, na capital baiana; o XI Simpósio da Associação Nacional de Professores Universitários de História, na capital paraibana; a III Semana da História, em Franca; o IV Simpósio de Estudos Missionários, em Santa Rosa, RS; a reunião comemorativa do 75º aniversário do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, e na qual foram ventilados interessantes e variados temas relativos àquele

Estado; e a reunião promovida pela nova Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, na primeira semana de setembro, e que, pelo êxito alcançado, promete ser doravante mais um acontecimento periódico de interesse para a cultura histórica de nossa terra.

Seria excelente, se não precisasse empanar o brilho da vida cultural campineira, paulista e brasileira com algumas notícias tristes relativas a grandes figuras que nos deixaram: Carlos Foot Guimarães, João Gurgel Júnior, Monteiro Sales e Francelino Piauí, todos de Campinas e quase todos de nossa Academia; Zeferino Vaz, o grande educador e fundador da Unicamp; Paulo Décourt, que durante muitos anos ilustrou nosso tradicional Ginásio do Estado, mas que há muito vivia em São Paulo; Marcus Pereira, publicitário e editor de discos de inestimável valor cultural e artístico; Cônego Luiz Castanho de Almeida, mais conhecido por Aluísio de Almeida, pseudônimo que adotou em todos os seus escritos; Luiz Martins, ensaísta e cronista dos melhores que já tivemos; Renato Almeida, musicólogo e folclorista; Orestes Rosolia e Alberto Rovai, duas grandes figuras do magistério paulista; João Panisset, outro grande educador, fluminense de nascimento, mas radicado em Juiz de Fora, onde viveu mais de meio século, e de cuja tradicional Escola Normal foi diretor; Oswaldo Orico e Raimundo Magalhães Júnior, ambos da Academia Brasileira. E provavelmente algum outro que me tenha escapado, pelo que peço escusas. De muitos deles me ocupei em meus artigos semanais do "Correio Popular": Monteiro Sales, Gurgel Júnior, Marcus Pereira, Aluísio de Almeida, Luiz Martins, Renato Almeida e Magalhães Júnior, não vendo razão para repetir o que então escrevi.

Fiz referência, ao iniciar este retrospecto e ao mencionar as publicações de nossa Academia, às Coleções de Estudos Brasileiros, assunto que já foi objeto do relatório do ano passado, mas que julgo necessário ressaltar mais uma vez, pois esta preocupação pelos temas brasileiros é, de fato, uma das características do movimento editorial do nosso País. Lamentavelmente, algumas coleções de grande prestígio, como a "Brasilianna", a "Corpo e Alma do Brasil", a "Dimensões do Brasil" e a "Temas Brasileiros", entre outras, nada publicaram no corrente ano, mas muitas outras (antigas e novas) assinalaram com suas presenças a vida cultural brasileira. Julgo necessário uma referência especial à coleção "Reconquista do Brasil", da Itatiaia, de Belo Horizonte, que, depois de publicar (em convênio com a Universidade de São Paulo) 60 volumes em grande formato, lançou uma série nova, mais cômoda, pois de formato menor, e na qual mais de 40 volumes já foram publicados, todas reedições de importantes obras sobre o Brasil, tanto de autores brasileiros, como de estrangeiros. Entre estes, merecem destaque os livros anteriormente editados pela Editora Nacional e pela Livraria Martins, e que estas editoras não se interessaram em reeditar, e ainda obras de outras editoras, algumas já desaparecidas, e que

se encontravam totalmente esgotadas, fora, pois, do alcance do leitor comum e algumas até de extrema raridade.

Lembraria três novas coleções lançadas pela Brasiliense: "Tudo é História", "Primeiros Passos", e "Primeiros vôos", em formato de bolso e preço acessível. Embora nem sempre concorde com a orientação impressa a alguns volumes dessas coleções, não posso deixar de reconhecer seu largo alcance e a capacidade de síntese demonstrada em alguns desses pequenos livros. Devo lembrar que na coleção "Primeiros passos" figura valioso trabalho de nosso confrade Regis de Moraes, sobre a violência urbana. Lembraria, igualmente, as coleções "Brasil Século XX", da Editora Nova Fronteira; "Ensaio", da Editora Ática; "Cadernos de História", da Editora Parma; "História Popular", da Editora Global; "Temas Gaúchos" e "Imigração Alemã", editadas pela Escola Superior de Teologia Lourenço de Brindes, de Porto Alegre, bem como as seguintes publicações oficiais:

"Boletim Informativo da Casa Romário Martins", de grande interesse especialmente para a história da cidade de Curitiba;

algumas publicações da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo;

"Ação e Pensamento na República", editada pelo Senado Federal e que já publicou obras sobre Miguel Calmon, João Pinheiro e João Mangabeira;

as publicações do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto (da Universidade Estadual Dr. Júlio de Mesquita Filho), compreendendo nove séries e abrangendo variadíssima gama de interesses;

as publicações do Arquivo do Estado, incentivadas pelo Professor José Sebastião Witter, e constituída das séries "Monografias" e "Acervo", além de Boletim quadrimestral;

as publicações da Universidade de Brasília, de grande interesse, sobretudo para a história política;

as publicações do "Centro de Estudos Baianos", da Universidade Federal da Bahia, dinamizadas pela Professora Consuelo Pondé de Sena;

as publicações do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais;

a coleção "Estudos Paranaenses", editada pela Secretaria da Cultura do Estado do Paraná, e que lançou duma só vez cinco magníficos volumes, dos quais já me ocupei em outra oportunidade;

a coleção "Estante Paranaense", editada pelo Instituto Histórico Paranaense;

a "História dos Bairros de São Paulo", preciosa coleção editada pela Divisão do Arquivo da municipalidade paulistana, e que no corrente ano publicou dois volumes, relativos aos bairros da Lapa e Higienópolis, perfazendo, assim, um total de 18 volumes até agora dados à estampa;

as publicações do Museu Paulista, compreendendo diversas séries;

a Coleção Pernambucana e a Coleção Recife, editadas ambas pela Secretaria da Educação de Pernambuco, as quais, ao lado de obras novas, têm reeditados textos valiosos para a história pernambucana e do próprio Nordeste;

Cito apenas as que publicaram livros em 1981. Muitas outras existem que no corrente ano não tiveram condições de editar volume algum. Devo prevenir que uma pesquisa desta natureza em nosso País torna-se extremamente dificultada pela carência de informações bibliográficas que infelizmente ocorre no Brasil. Uma referência precisaria ser feita também às publicações periódicas que, entre nós, quase sempre aparecem com atraso, mas... aparecem. Isto é que é importante. Vale louvar o esforço de algumas entidades, como o Arquivo Municipal de São Paulo, com a sua renomada "Revista do Arquivo Municipal", que não está podendo publicar mais que um volume por ano, quando em outros tempos, chegou a ser mensal; o Arquivo do Estado, que está editando um "Boletim" quadrimestral, do qual três números foram publicados no corrente ano; o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com sua tradicional revista trimestral, rica de conteúdo de interesse para os estudos históricos; assim também alguns Institutos Históricos Estaduais, como o de São Paulo, o de Pernambuco, o da Bahia e o de Santa Catarina, com suas publicações anuais; a propósito deste último, cabe salientar que sua revista, uma das mais antigas, no gênero, em todo o País, foi reativada depois de uma longa interrupção e nesta nova fase já dois volumes foram publicados; a Associação de Geografia Teórica, de Rio Claro, com suas duas revistas; o Instituto de Filosofia e Teologia de nossa PUC, com sua magnífica "Reflexão", cujo último número vem de sair; a Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC), com sua preciosa "Ciência e Cultura"; a Associação Brasileira de Sociologia, entidade fundada em Campinas pelo casal Alfonso Trujillo Ferrari/Maria Saete Zулzke Trujillo, e que vem editando regularmente a "Revista Brasileira de Sociologia", mais uma publicação campineira a assinalar o periodismo cultural brasileiro; o Instituto Agrônomico, com sua "Bragantia", revista dedicada às especialidades do tradicional Instituto. E naturalmente muitas outras entidades precisariam ser citadas, mas não dispondo, no momento, de dados sobre

elas. Quanto à nossa "Notícia Bibliográfica e Histórica", publicação do Departamento de História da PUC, sob minha responsabilidade, dos quatro números referentes ao corrente ano, apenas dois puderam ser distribuídos, correspondentes ao primeiro semestre; os outros dois, embora quase prontos, ficarão para o início do ano. Devo informar que este atraso que comumente ocorre com os dois últimos números do ano deriva do acúmulo da gráfica que a imprime, por causa dos trabalhos dos exames vestibulares.

Duas ocorrências significativas na vida cultural brasileira não podem deixar de figurar neste retrospecto: o cinquentenário da Coleção "Brasiliana" e o centenário da "Biblioteca do Exército. É lamentável contudo, constatar que o cinquentenário da preciosa coleção assinala também o seu desaparecimento. Há algum tempo a imprensa ocupou-se do assunto, ao qual não foram indiferentes as mais expressivas entidades culturais do Brasil, que apelaram para os novos responsáveis pela Companhia Editora Nacional pela preservação da coleção. Tive oportunidade de publicar duas notas na imprensa campineira fazendo idêntico apelo. A editora veio a público e nos trouxe certa tranqüilidade, afirmando seus propósitos de preservação. Mas, mais de um ano já se passou e não só nenhum livro foi editado, como freqüentemente aparecem, vendidos como saldos nas calçadas da cidade de São Paulo, livros da preciosa coleção, o que é indício de falência ou de supressão. Não sendo o caso da primeira, só temos que recear pela segunda.

Criada por Otalles Marcondes Ferreira, então presidente da Companhia Editora Nacional, e que chamou a dirigi-la Fernando de Azevedo, a "Brasiliana" teve só o seu primeiro volume publicado em 1931: "Figuras do Império e outros ensaios", de Batista Pereira. Já o segundo volume, que constitui a biografia do Marquês de Barbacena, por Pandiá Calógeras, saiu em princípios de 1932. Tornou-se — sabem-no todos os que se dedicam a estudos brasileiros — a mais vasta e variada coleção sistematizada de livros de interesse para a cultura brasileira, nos seus mais variados aspectos: história, geografia, literatura, economia, sociologia, antropologia, lingüística, folclore, enfim, uma "brasiliiana" no sentido mais absoluto do termo. Incluindo duas séries, alcançou cerca de quatrocentos volumes, reputados e disputados pelos estudiosos de assuntos brasileiros, inclusive pelos estrangeiros, responsáveis, alás, pela compra das últimas coleções completas que puderam ser formadas. De fato, embora nos últimos anos tenha sido levado a efeito extenso programa de reedições, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, a maior parte da "Brasiliana" é constituída de obras esgotadas, cotadas por preços elevadíssimos, quando, vez ou outra, aparece algum volume nos alfarrabistas.

Pensando justamente na dificuldade, para as novas gerações de estudiosos, de encontrar a "Brasileira", foi que tomei a iniciativa de resenhá-la volume por volume, nas páginas da "Notícia Bibliográfica e Histórica", publicação do Departamento de História de nossa Universidade Católica. Tarefa que exigiu quase dez anos, ao longo de mais de oitenta números da revista. E posso afirmar que esse trabalho constituiu uma das mais apreciadas seções da revista campineira, como o provam numerosas cartas recebidas dos mais diversos recantos do País. Não foi, evidentemente, pelo valor de meu trabalho, mas pela falta que todos sentiam da preciosa coleção, sempre ausente das livrarias, embora freqüentemente indicada pelos professores no seus cursos sobre o Brasil.

Quanto à "Biblioteca do Exército", que vem de completar seu centenário, pois idealizada e fundada pelo Barão de Loreto (Franklin Dória), tornou-se realidade aos 17 de dezembro de 1881. Passando por diversas fases e, como é natural, sofrendo várias transformações, foi reorganizada em 1937 pelo General Valentim Benício da Silva, que a dotou de uma seção editorial. E desde então (quase meio século), vem a "Biblioteca do Exército" cumprindo excelente programa de difusão cultural, através do sistema de assinaturas, não apenas para os militares, mas igualmente franqueada aos civis. O volume que assinalou o centenário tem o nº 515, correspondendo ao nº 194 da coleção justa e merecidamente batizada de "General Benício", em homenagem ao seu reorganizador e criador da seção editorial. E este volume é nada menos que uma biografia do fundador da Biblioteca, o "notável e pouco lembrado" baiano que foi o Barão de Loreto, escrita por outro baiano ilustre, o historiador Pedro Calmon, presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e membro do Conselho Editorial da Biblioteca. Assim, o "notável e pouco lembrado" titular do Império, que presidiu três províncias, foi Ministro da Guerra e do Império, representou sua terra na Câmara Imperial, pertenceu ao Instituto Histórico Brasileiro e à Academia Brasileira, "aureolado pela poesia e pela oratória", mas de quem tão pouco se fala hoje, sai do esquecimento precisamente quando se celebra o centenário de sua mais duradoura realização.

O catálogo da Biblioteca do Exército apresenta-nos variadíssima gama de interesses: obras especializadas em assuntos militares, histórias de guerras e revoluções, recordações e narrativas militares, relatos de viagens, biografias, obras de natureza histórica, geográfica, econômica, sociológica e política, muitas vezes em convênio com outras editoras. E não raro, obras literárias, como ocorreu há pouco com uma bela edição de "Os Lusíadas", distribuída ao ensejo do quarto centenário da morte de Camões, em 1980.

Senhores Acadêmicos. Ao concluir este sumário retrospectivo da vida cultural no ano que está por findar, gostaria de fazer referência

a duas expressivas realizações que nos vêm do Rio Grande do Sul; a publicação pela Secretaria de Cultura do Estado do “Calendário Histórico-Cultural do Rio Grande do Sul”, que constitui, confesso, o quê de melhor vi até hoje, no gênero, em nosso País, digno de servir de modelo a outras unidades da Federação. Reunindo quarenta efemérides das mais significativas para a história sul-riograndense, apresenta não só texto muito bem elaborado (e acessível a todos os níveis) como excelente roteiro bibliográfico para os que desejarem conhecimento mais profundo da matéria. Suas quarenta efemérides abrangem a maior variedade de temas de interesse para a história política, econômica, militar, religiosa, social e cultural do Estado, contribuindo, pela sua apresentação cômoda e pela difusão que dele certamente se fará, para a conscientização acerca do interesse do estudo da história daquele Estado. Fiquei tão entusiasmado com este “Calendário”, que me decidi a propor, na última reunião da Academia Paulista de História, que se faça coisa semelhante com relação a São Paulo. Os bons exemplos — costume dizer — devem ser imitados. Já tive oportunidade de me dirigir aos responsáveis pela vida cultural do Rio Grande do Sul, os preclaros amigos Barbosa Lessa e Tarcísio Taborda, sobre o interesse do valioso trabalho que, em boa hora, a Secretaria da Cultura do Estado editou.

O segundo empreendimento, que também nos vem do Sul, e que não poderia passar sem registro, refere-se ao reaparecimento (a partir de 8 de agosto) do Suplemento Cultural do “Correio do Povo”, o grande jornal de Porto Alegre. Circulando semanalmente por doze anos, com o título de “Caderno de Sábado”, o suplemento, por motivos superiores, teve sua publicação interrompida em janeiro do corrente ano. Foi um vazio para os que já se haviam habituado à sua leitura. Mais de seis meses ficou o grande jornal publicando apenas seu suplemento rural (inegavelmente o melhor que se edita no País), mas com suas páginas desertas de qualquer suplemento cultural de natureza mais variada, literária principalmente. Eis que o exemplar de 8 de agosto encheu-nos de imensa satisfação, pois nele reaparecia o Suplemento Cultural, com as mesmas dimensões, ou seja, dezesseis páginas, em formato tablóide, apenas com o título alterado para “Letras & Livros”. A alteração do título foi justificada por uma breve nota da redação como decorrência do interesse em ampliar a área de atuação do suplemento. E também a feição gráfica sofria ligeira modificação, “para torná-lo mais atraente e funcional”. E rematava a nota lembrando que o espírito que anima o suplemento continua o mesmo de sempre, “isto é, servir”.

Dando ênfase à cultura sul-riograndense — e este é sem dúvida, seu traço mais característico e salutar — não omite, contudo, o que possa haver de interesse na vida cultural de outras regiões do País. Mas, o regionalismo — tomada aqui esta palavra não como hostilidade a outras

regiões, mas **interesse pelas coisas de seu Estado** — está sempre presente em suas páginas. E sobre este regionalismo, nossos irmãos do Rio Grande do Sul têm muito o que nos ensinar. Quem viveu lá, como aquele que vos fala, conhece o sentido da cultura sul-riograndense e lamenta que, em outros Estados, ele nem sempre seja bem compreendido, quando, na realidade, o espírito que anima suas preocupações culturais deve ser imitado. E isto se torna tão mais significativo, quando se considera (sem querer fazer comparações) que outro suplemento cultural de importante jornal paulistano poderia ser editado em qualquer cidade ou país do mundo, pois nele nada há que lembre a cultura de nossa terra. Já escrevi em mais uma ocasião, que, na tarefa de valorização da cultura paulista (história, literatura, arte, folclore etc.) muito temos que aprender com os gaúchos. Assim, o aparecimento de “Letras & Livros” não pode deixar de interessar a todos os que se agradam dos temas culturais. Retomando a tradição do antigo “Caderno de Sábado”, afirma-se “Letras & Livros” como o melhor suplemento cultural da imprensa brasileira.

Tal como no caso do Calendário, já tive oportunidade de me dirigir ao editor de “Letras & Livros”, Dr. Jayme Copstein, cumprimentando-o pela esplêndida realização. E vou-me permitir enviar-lhe cópia do destaque deste retrospecto relativo tanto a “Letras & Livros”, como ao “Calendário Histórico-Cultural”, para que os bons amigos do Sul saibam o quanto suas realizações estão sendo apreciadas em lugar tão distante da terra gaúcha.

Senhores Acadêmicos: eis o desalinhavado retrospecto que a pressa não me permitiu fazê-lo melhor. Praticamente foi ele elaborado na manhã de hoje, sem possibilidade de consulta a fontes que seriam indispensáveis para que ele preenchesse melhor seu objetivo. Peço escusas pelas muitas lacunas que ele certamente contém e gostaria de contar com a colaboração dos preclaros confrades para que me enviem subsídios que me ajudem a saná-las para que ele se torne, não diria completo (que isto será sempre impossível), mas o menos incompleto possível.

*